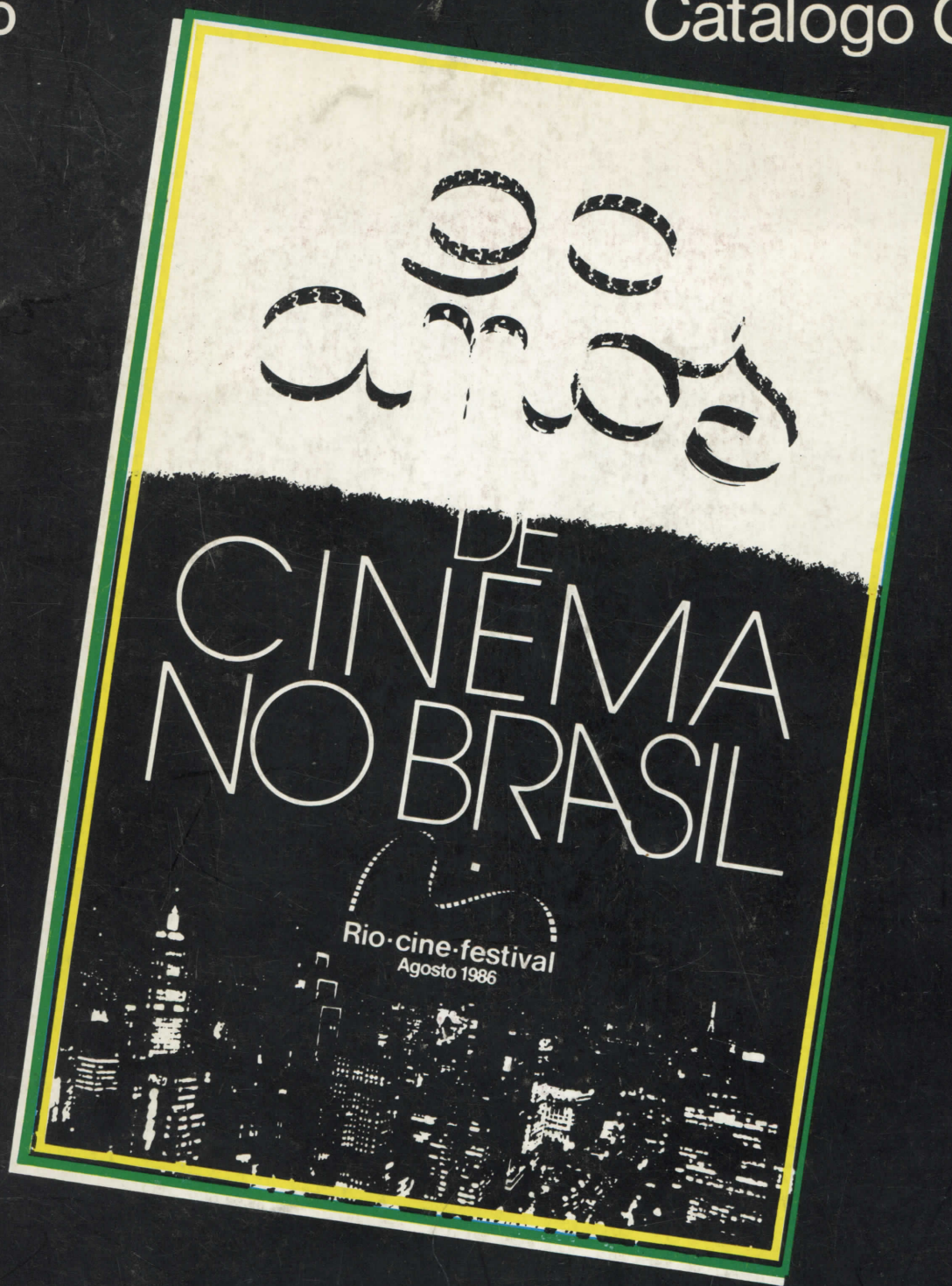


RIO-CINE-FESTIVAL

1986

Catálogo Geral



Mostras Competitivas
Mostras Informativas
Mostra Especial
Eventos Culturais
Programação Completa



Rio-cine-festival

profissionalizar nos centros urbanos mais desenvolvidos. Seria pretensioso tentar sumariar o elenco da produção mais recente, cuja tendência é a de refletir com liberdade e isenção a complexa vida brasileira. Convivem aqui a abordagem documental e a fabulação romanesca e moderna; os modos narrativos tradicionais e as experiências da linguagem; o senso de oportunidade na escolha dos temas e a repetição de repertórios batidos. A verdade é que o filme cultural adquiriu nos últimos anos o status de um produto com características próprias e independentes que o distinguem, por exemplo, e não apenas pelo suporte físico, da produção eletrônica veiculada pelas redes de televisão.

Após a crise dos últimos anos, o renascimento da produção nacional encontra correspondência na resposta indispensável do público. Retoma-se aos poucos o hábito da frequência às salas de cinema, na medida em que os proprietários procuram reciclar suas condições técnicas de funcionamento, sua localização e uma programação destinada a todas as faixas de espectadores. A nível nacional, vão sendo postas em execução antigas reivindicações de oferta mais diversificada e mais ampla de títulos estrangeiros. Nesse contexto, o filme brasileiro deixa de ser uma anormalidade, uma exceção à regra, e passa a transitar de peito aberto entre seus concorrentes no mercado exibidor.

A revolução tecnológica do vídeo-cassete possui interfaces sintonizadas com esse processo de reconquista. É o caso dos numerosos títulos postos à disposição do usuário, cobrindo a produção brasileira dos últimos 30 anos e, em consequência, abrindo perspectivas até há pouco inimagináveis de conhecimento, de estudo e de revisão crítica. Por outro lado, posições estratégicas irreversíveis vão sendo conquistadas quando o produto nacional enche noticiários e estoura bilheterias, quando divide opiniões, quando mobiliza a crítica especializada e as platéias dos festivais. Sem a velha e irreparável conjugação de produtores e exibidores, não há dúvida de que o cinema brasileiro adquire nova cidadania quando chega mais uma vez a seu público, num diálogo de prazer e de sintonia intelectual. Temos diante de nossos olhos um quadro ainda avesso a definições e a marcas, que parece ter inegável parentesco com a chanchada, com a Bela Época e com o Cinema Novo, na medida em que o reencontro com o público, sejam quais forem seus desdobramentos e as suas futuras inserções na vida brasileira, começa a se delinear como acontecimento definitivo na história do nosso cinema.

José Tavares de Barros

Professor Titular na UFMG

Presidente do Centro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro

Membro do Concine e do Conselho de Administração da Embrafilme